

Bienal fecha domingo

A VI Bienal de São Paulo encerra-se, depois de amanhã, dia 31. Os acontecimentos de agosto, e suas conseqüências, perturbaram bastante o lançamento desta Bienal, uma vez que ela se abriu num clima de intranqüillidade e num momento em que problemas mais urgentes chamavam a atenção de todos, mesmo daqueles que se interessam pelas artes plásticas.

De nossa parte, não pudemos ir à Bienal, senão este mês, de modo que já seria tarde para tentarmos comentar as obras ali expostas. De qualquer modo, àqueles que dispõem de tempo e meios de ir nestes dois últimos dias à Bienal, gostaria de fazer algumas considerações.

Recomendo a sala especial de Kurt Schwitters, o criador da arte Merz, e um dos artistas mais impor-

tantes de nossa época. Schwitters participou do movimento dadaísta, tendo-se afirmado dentro dele como uma das personalidades mais interessantes, com um sentido profundo do problema artístico contemporâneo. Suas colagens e seus merz expostos na V Bienal são prova disso. Deixando de lado suas experiências poéticas — onde revelou a mesma vontade de ruptura com a

tradição —, suas criações plásticas indicam um comportamento revolucionário, inventivo, de uma autenticidade rara em nossa época. Schwitters realizou a seu modo a integração da arte e da vida, fazendo a atividade artística descer dos céus abstratos para a realidade cotidiana: ele usava, para fazer seus quadros, pedaços de selos, de envelopes, restos de jornal, e mesmo arames

velhos, lascas de pau, grades enferrujadas, cordas, tudo o que sob seus olhos adquiria expressão. Ele redescobria a forma debaixo da função utilitária. E assim, sua obra nascia através de seus passelos ou de seu trabalho cotidiano. Corretor de propaganda, era como se, ao achar um papel sobre a mesa do comerciante, esse papel, que iria compor uma colagem sua, se tornasse o verdadeiro objetivo de sua visita. Era uma alquimia da própria vida que Schwitters realizava.

E suas obras valem pela expressão que carregam.

Outra sala a ser visitada

é de Julius Bissier, com seus trabalhos de pequeno tamanho mas de profunda significação. Ali, o visitante encontrará um mundo tranqüilo, delicadamente elaborado, e que surge como uma síntese magistral de toda geração de pintores como Klee, Kandinsky, Miró, Baumeister. A experiência oriental também está presente ali, mas sem o caráter embromatório e oportunista tão comum na pintura de hoje: tudo em Bissier é autenticidade, equilíbrio e conquista expressiva.

São, no meu entender, os dois grandes momentos da Bienal. Há ainda, para

ver ali, a sala da caligrafia japonesa, da pintura de aborígenes australianos, as máscaras africanas, a escultura barrôca paraguaia, os afrescos medievais da Iugoslávia, e mais alguns artistas que a acuidade do leitor descobrirá. Não serão muitos.

Cumprir ver também a representação brasileira, que se apresenta em bom nível. As salas especiais de Volpi, Goeldi e Milton. As salas de Marcelo Grassmann e Fayga Ostrower. Os trabalhos de Ligia Clark e Amílcar de Castro. Os objetos ativos de Willys de Castro e ainda Rubem Valentim.

JORNAL DO BRASIL 29-12 1961 CAD. B